

ASPECTOS DE SIGNIFICADO ENVOLVIDOS NA CAUSATIVIZAÇÃO DE INERGATIVOS

Morgana Fabiola Cambrussi*

Resumo: Este artigo apresenta aspectos de significado relacionados à estrutura semântica de verbos inergativos que participam da alternância causativo-incoativa, e sustenta que, além de tolerar indução externa, a causativização desses verbos em português está fortemente condicionada à manutenção, na forma causativizada, das relações semânticas estabelecidas entre o verbo e seu argumento único na forma incoativa.

Palavras-chave: alternância causativa; verbos inergativos; significado estrutural.

INTRODUÇÃO

■ **N**a alternância causativo-incoativa de verbos inergativos, o licenciamento da contraparte causativa é condicionado, primeiramente, à compatibilidade da estrutura semântica desses verbos com uma causatividade externa. Conforme definiram Levin e Rappaport-Hovav (1995), inergativos que participam da alternância causativa são eventualidades internamente causadas que toleram indução externa, ou seja, em contextos específicos, podem ser externamente causadas.

Levin (1993) chama a essa instância de alternância causativa alternância de ação induzida, verificada como parte do comportamento sintático-semântico de um subgrupo de verbos basicamente intransitivos que, portanto, assumem variantes transitivas ao tolerarem causa externa. Os pares a seguir ilustram essa alternância em português do Brasil:

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS).

- (1a) O avião pousou.
 (1b) O piloto pousou o avião.
 (2a) As crianças passearam.
 (2b) A babá passeou as crianças.
 (3a) O cavalo trotou em círculos.
 (3b) Cada participante trotou o cavalo em círculos.

A alternância causativa a partir de predicadores primitivamente intransitivos, ilustrada de (1) a (3), não apresenta o mesmo grau de regularidade que aquela cujo predicador é um verbo primitivamente biargumental, a exemplo de quebrar:

- (4a) O menino quebrou o brinquedo.
 (4b) O brinquedo quebrou.

De acordo com o que será argumentado neste trabalho, apenas um restrito grupo de inergativos licencia causativização (exemplificada por (1)-(3)), enquanto quase a totalidade dos inacusativos licencia a ergativização (exemplificada por (4)). Além disso, no caso da instância de alternância causativa ilustrada por (4), o argumento *o brinquedo* mantém o mesmo tipo de relação semântica com o verbo, independentemente de estar na posição de sujeito ou de objeto, uma relação de afetado pelo evento. Já no caso da instância de alternância causativa ilustrada por (1)-(3), o segundo argumento não mantém exatamente o mesmo tipo de relação semântica que tinha com o verbo em realização monoargumental.

Na perspectiva causativa, *o cavalo*, argumento de (3a-b), é entidade afetada, pois foi induzida à realização do evento, mas não deixa de ser a entidade que o realiza. Nesse caso, a construção possui dois desencadeadores, um indutor e outro induzido. Na perspectiva intransitiva, se apenas observada a estrutura sentencial básica (sem adjunção), não se pode afirmar que a entidade *o cavalo* é afetada por algum tipo de indução, apenas que é a desencadeadora do evento expresso por galopar. Considerando o quadro apresentado, este trabalho objetiva atestar que a causativização de inergativos do português envolve pelo menos duas restrições semânticas básicas: 1. primeiramente, verbos como *galopar* e *passear* são considerados de causa interna, quer dizer, são eventualidades internamente causadas, pois o evento que representam é desencadeado pelo próprio argumento envolvido e não por uma causa externamente marcada (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995). Quando esses verbos alternam para uma construção causativa (*O adestrador passeou o cachorro com tranquilidade*), não ocorre de a causa interna se tornar externa, mas de haver uma força externa que age sobre a causa interna, levando-a a desencadear o evento expresso pelo verbo (LEVIN, 1993); 2. depois, é necessário que, na forma causativizada, o argumento único da forma incoativa mantenha a mesma relação semântica que tinha com o verbo na forma monoargumental.

A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA A PARTIR DE EVENTUALIDADES INTERNAMENTE CAUSADAS

Seguindo uma tendência já bastante difundida na literatura, afirma-se que os verbos inacusativos que participam da alternância causativa são primitiva-

mente transitivos (CHIERCHIA, 2004). A representação léxico-semântica desses verbos está associada às formas inacusativa e causativa, sendo essa a forma básica. De acordo com a análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995), os verbos intransitivos que participam da alternância causativa são inerentemente predicados de dois argumentos, ao passo que os verbos intransitivos que não participam dessa alternância são inerentemente predicados de um argumento.

Por assim dizer, a análise poderia tomar os pares de sentenças em (5) como formados a partir de dois verbos basicamente transitivos, já que tanto *pousar* quanto *quebrar* participam da alternância causativa e possibilitam realização sintática tanto em predicado com um quanto com dois argumentos.

- (5a) Para evitar a queda, o piloto pousou o avião no rio Hudson.
- (5b) O avião pousou no rio Hudson.
- (5c) Mateus quebrou a maçaneta do portão com uma pancada.
- (5d) A maçaneta do portão quebrou com uma pancada.

Como pode ser notado, essas considerações são pouco precisas e não ajudam na identificação distintiva da transitividade básica de verbos como *pousar* e *quebrar*, já que ambos participam da alternância causativa e possuem uma forma intransitiva (cf. (5a-d)). Se ambos forem analisados como primitivamente transitivos, então há um problema de classificação mais profundo para a dicotomia anteriormente estabelecida, pois *pousar*, dada a forte restrição seletional para o segundo argumento tomado nos usos transitivos, identifica-se com membros da classe dos inergativos, enquanto *quebrar*, cujas restrições seletionais para preenchimento dessa posição argumental são muito menores, deve certamente ser agrupado na classe dos inacusativos.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 86), o uso básico do verbo seria aquele que impusesse menor número de restrições para seleção argumental. Isso equivale a dizer que os verbos primitivamente transitivos são aqueles que impõem um número menor de restrições seletionais para o objeto da forma transitiva que para o sujeito da forma intransitiva.

- (6a) Mateus quebrou o carrinho/a janela/a bancada/a ponta do lápis.
- (6b) O carrinho/A janela/A bancada/A ponta do lápis quebrou.
- (6c) Emanuel quebrou o protocolo/o acordo/o silêncio/o recorde mundial.
- (6d) *O protocolo/*O acordo/*O silêncio/*O recorde mundial quebrou.

Esses dados evidenciaríamos que: 1. na alternância causativa, o objeto do uso transitivo e o sujeito do uso intransitivo mantêm o mesmo tipo de relação semântica com o verbo causativo alternante (são entidades afetadas por ele); 2. para um verbo alternante, quando usado transitivamente, o grupo de objetos que tolera é maior que o grupo de sujeitos que o mesmo verbo tolera quando usado intransitivamente; 3. os sujeitos do uso intransitivo são um subconjunto do conjunto de objetos do uso transitivo; 4. o uso transitivo impõe menor número de restrições à seleção do argumento em posição de objeto, em comparação com as restrições seletionais impostas ao argumento em posição de sujeito do uso intransitivo.

Embasadas na descrição biargumental e na noção de causa externa para os inacusativos, Levin e Rappaport-Hovav (1995) sustentam que os verbos partici-

pantes da alternância causativo-incoativa são primitivamente transitivos. O verbo *quebrar*, inacusativo prototípico, entrou bem na análise proposta. Mas verbos como *pousar* não parecem guardar as mesmas características, pois o conjunto de restrições de seleção do objeto na forma transitiva do verbo costuma ser maior que o conjunto de restrições de seleção do sujeito na forma intransitiva e as restrições para seleção de objeto, além de acarretadas lexicalmente, devem estar diretamente condicionadas à composição com o argumento em posição de sujeito do uso transitivo:

- (7a) O piloto pousou o avião no rio/as mãos sobre as pernas.
- (7b) O avião pousou sobre o rio/?As mãos pousaram sobre as pernas.
- (7c) O menino pousou ?? a pipa/*a borboleta/*a folha caída¹.
- (7d) A pipa pousou no telhado.
- (7e) A borboleta pousou no seu cabelo.
- (7f) A folha caída pousou no chão.

O uso intransitivo de *pousar* embute restrições seletivas relacionadas apenas ao próprio conteúdo e à própria estrutura lexical do verbo. Para que um argumento corresponda à seleção argumental de *pousar*, é preciso possuir entre o conjunto de suas propriedades a capacidade de “voar voluntária ou involuntariamente” ou de “estar disposto pelo ar”:**Os cachorros pousam aqui/ Os pombos pousam aqui/ Os balões de São João pousam aqui*. Enquanto isso, o uso transitivo de *pousar* apresenta, além das restrições para seleção do argumento em posição de objeto acarretadas lexicalmente pelo verbo, restrições de ordem composicional.

Pela observação dos dados em (7a-f), seria possível inverter a descrição do comportamento de verbos alternantes do tipo de *quebrar*, afirmando-se que para verbos alternantes do tipo de *pousar*: 1. na alternância causativa, o objeto do uso transitivo e o sujeito do uso intransitivo mantêm o mesmo tipo de relação semântica com o verbo alternante (são entidades desencadeadoras que aceitam indução); 2. para um verbo alternante, quando usado intransitivamente, o grupo de sujeitos que tolera é maior que o grupo de objetos que o mesmo verbo tolera quando usado transitivamente; 3. os objetos do uso transitivo são um subconjunto do conjunto de sujeitos do uso intransitivo; 4. o uso transitivo impõe maior número de restrições à seleção do argumento em posição de objeto, em comparação com as restrições seletivas impostas ao argumento em posição de sujeito do uso intransitivo (apenas de ordem lexical).

Pela reflexão seguida, se adotados os mesmos princípios de análise propostos em Levin e Rappaport-Hovav (1995), nem toda a alternância causativo-incoativa parte de um verbo primitivamente transitivo. Há verbos alternantes do tipo de *quebrar* que denotam eventualidades externamente causadas e que podem ser identificados como primitivamente transitivos e há verbos alternantes do tipo de *pousar* que denotam eventualidades internamente causadas e que podem ser identificados como primitivamente intransitivos.

MANUTENÇÃO DA RELAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE O VERBO ALTERNANTE E SEU ARGUMENTO ÚNICO

Dentre as propriedades semânticas envolvidas na causativização de inergativos, este trabalho sustenta que uma está orientada para o segundo argumento da forma causativizada. Essa propriedade é determinante para o licenciamento da alternância causativa de inergativos em português: *a causativização sem mudança de relação verbo-argumento*.

Enquanto inergativos alternantes do inglês podem ser distribuídos em dois grupos, inergativos causativizados sem mudança de relação verbo-argumento e inergativos causativizados com mudança de relação verbo-argumento (CAMBRUSSI, 2009), formados a partir dos efeitos de causativização dos verbos, em português há apenas um contexto em que a expressão de causatividade é licenciada: aquele em que o argumento único da forma incoativa, quando realizado na segunda posição argumental da transitiva, mantém o papel semântico de desencadeador do evento denotado pelo verbo. Esse é o caso representado em (8a-b):

- (8a) O cavalo galopou pelo campo.
 (8b) Sarah galopou o cavalo pelo campo.

Em (8a), o argumento *o cavalo* possui a relação semântica de desencadeador do evento atribuída pelo verbo. Essa relação é mantida na construção (8b), contraparte causativa de (8a), em que o segundo argumento da causativa é desencadeador induzido e o primeiro argumento participa do evento como indutor. Para verbos como *galopar* (também para *saltar, pousar, voar, cavalgar, trotar*), a causativização não altera a relação semântica que havia entre o verbo e seu argumento único da forma incoativa, o que parece estar fortemente relacionado com a possibilidade de alternância do predicador.

Diferentemente, o par (9a-b) ilustra como a mudança dessa relação semântica pode ser restritiva:

- (9a) Sarah dirigiu até Florianópolis.
 (9b) *Felipe dirigiu Sarah até Florianópolis².

Nesse caso, a alternância está bloqueada (conforme agramaticalidade de (9b)) e a mudança de relação verbo-argumento parece clara: enquanto o argumento único da forma incoativa é desencadeador do evento de *dirigir*, ao passar para a segunda posição argumental da forma causativizada, o argumento *Sarah* apenas sofre a mudança de deslocamento, sem participação no desenvolvimento do evento.

A leitura dos pares (8a-b) e (9a-b) pode ser assim explicitada: na forma incoativa (8a), “o cavalo realizou a atividade de galopar pelo campo”, na forma transitiva, “Sara realizou alguma força de indução que fez com que o cavalo realizasse a atividade de galopar pelo campo”; na forma incoativa (9a), “Sarah realizou uma atividade de condução de veículo que a transportou para Florianópolis de carro”, na forma transitiva bloqueada, “Felipe realizou alguma atividade de con-

2 Agramatical apenas no sentido de “transportar até Florianópolis” (de carro/ônibus, por exemplo).

dução de veículo que afetou Sarah, causando a ida dela para Florianópolis com ele, de carro”.

Os dois pares de exemplos ilustram, portanto, efeitos bem distintos da causativização de verbos inergativos e demonstram um único contexto para licenciamento dos predicadores em português. Quanto aos verbos correlatos em inglês, porém, a manutenção da propriedade de desencadeador para o segundo argumento da causativa não é característica restritiva para causativização de inergativos e pode ser verificada ((10a-b)) ou não ((11a-b)):

- (10a) The horse galloped through the countryside.
 (10b) Sarah galloped the horse through the countryside.
 (11a) Sarah drove to Florianópolis.
 (11b) Philip drove Sarah to Florianópolis.

Com a causativização de *gallop*, ocorre o que Levin (1993) chamou de *alternância por causatividade acompanhada*, em que o primeiro argumento da construção transitiva induz o segundo argumento a realizar o evento expresso pelo verbo e o acompanha durante todo o desenvolvimento do evento (cf. também (8b)).

Nesses casos de verbos que indicam modo de locomoção, quando o verbo expressa alguma forma de movimento voluntário variável entre os verbos de mesma classe, Pinker (1993, p. 226) considera que o argumento que realiza a locomoção (ou seja, a entidade induzida) tende a não apresentar o traço [+humano] – na realidade, esse argumento é [-humano] quase que na totalidade dos casos. Prova disso é que essa classe se constitui com verbos cujo conteúdo semântico exprime atividades tipicamente não humanas (*trot, race, gallop*) ou que podem ser humanas, mas não o são necessariamente (*run, jump*).

Já na forma transitiva de *drive*, o evento expresso pelo verbo é desencadeado pelo primeiro argumento da construção e o segundo argumento é afetado pelo desenvolvimento do evento. Assim, o argumento responsável pelo desencadeamento do evento em (11b) claramente não é o mesmo que o desencadeia em (11a).

Segundo Pinker (1993, p. 226, tradução nossa), “Esses verbos, como *sail, drive, e fly*, são formalmente diferentes da maioria dos casos de causativização porque a forma intransitiva não é embutida intacta, como um efeito estrutural da versão transitiva”³. Nesse sentido, em *Philip drove Sarah to Florianópolis*, a ação de Philip não faz que Sarah dirija até o destino, como expressa a construção incoativa, mas estritamente o primeiro argumento causa a ida de Sarah e, necessariamente, acompanha-a.

Destacando-se os aspectos de significado que dizem respeito à estrutura semântica dos verbos inergativos alternantes, pode-se sintetizar o que representam os casos analisados até aqui pelas formulações:

1. em inglês, são passíveis de causativização inergativos que mantenham, na forma biargumental, a relação semântica de desencadeador do processo para o segundo argumento da transitiva e também inergativos que não mantenham essa relação.

3 No original: “These verbs, such as *sail, drive, and fly*, are formally different from most cases of causativization because the intransitive form is not embedded intact as an effect structure in the transitive version” (PINKER, 1993, p. 226).

2. em português, são passíveis de causativização apenas inergativos que mantenham a relação semântica de desencadeador do processo para o segundo argumento da forma transitiva.

Nem todos os verbos inergativos do português que satisfazem à restrição (ii), contudo, participam da alternância, como mostra a sequência (12a-b).

- (12a) A criança caminhou pelo parque de diversões.
 (12b) *A babá caminhou a criança pelo parque de diversões.
 (13a) The child walked around the amusement park.
 (13b) The baby-sitter walked the child around the amusement park.

O contraste entre *walk* e *caminhar* exemplificado acima não pode ser explicado com base na mudança ou na permanência de relação verbo-argumento, pois, mesmo satisfazendo potencialmente à exigência de manutenção do papel de desencadeador para o segundo argumento da transitiva, a alternância causativa não é licenciada para *caminhar* (nem para outros inergativos como *correr* e *marchar*).

De acordo com a distinção que Grimshaw (2005) faz entre aspectos de significado que pertencem à estrutura semântica, e são relevantes para as operações linguísticas, e aspectos de significado que pertencem ao conteúdo semântico, sem relevância para a estrutura linguística, pode-se avaliar o par *walk* e *caminhar* como sinônimos estruturais, porque ambos denotam eventualidades internamente causadas, porém, *caminhar* não tolera a incidência de causatividade externa (de indução) e isso os distingue enquanto verbos correlatos.

Como a gramaticalidade havia ficado condicionada à continuidade de participação do segundo argumento no desenvolvimento do evento – o que, em última análise, também diz respeito à estrutura semântica dos predicadores, por ser uma restrição à seleção de argumentos – e, caso a construção (12b) fosse agramatical, essa condição teria sido respeitada, a má formação da sentença pode estar relacionada a restrições estruturais de *caminhar* que, como representante de parte do conjunto de eventualidades internamente causadas que não integram o subconjunto de predicadores que aceitam indução externa, forcem uma investigação ainda mais refinada das propriedades semânticas envolvidas na constituição da classe de inergativos alternantes do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise esboçada por este trabalho, conclui-se que a causativização de inergativos do português passa, inicialmente, por duas propriedades semânticas básicas: o predicador deve ser uma eventualidade internamente causada que tolera indução externa e o segundo argumento da forma transitiva deve acumular dois papéis semânticos: de afetado pela indução (o que acaba sendo o próprio efeito da causatividade) e de desencadeador do evento (o que acaba resultando na impossibilidade de mudança da relação verbo-argumento).

Quando não é possível a interação entre ambos os elementos (isto é, quando o segundo argumento da causativa não mantém algum tipo de participação no desenvolvimento do evento ou quando a eventualidade não aceita indução exter-

na), não são satisfeitas as duas primeiras condições de alternância isoladas para a alternância causativo-inchoativa de inergativos do português brasileiro.

Porém, ainda há casos de inergativos do português que não licenciam contrapartes causativas (por exemplo, *correr*, *marchar*, e *caminhar* – com formas correlatas em inglês alternantes), mesmo nos contextos em que se respeitaria a restrição de *causativização sem mudança de relação verbo-argumento*. Esses casos são suficientes para se retomar a noção de *indução* envolvida na causativização de inergativos.

Se há inergativos do português que aceitam indução, inergativos que não a aceitam e outros que aceitam em determinados contextos de ocorrência, é possível que essa *alternância por causatividade induzida*, ao ser distribuída entre os verbos alternantes, não envolva sempre a mesma forma de *indução* nem a mesma força de “afetação” do segundo argumento da transitiva.

REFERÊNCIAS

CAMBRUSSI, M. F. Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro. 2009. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CHIERCHIA, G. A semantic for unaccusatives and its syntactic consequences. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *Studies on the unaccusativity puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 22-60.

GRIMSHAW, J. *Argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1990.

_____. *Words and structure*. Stanford: CSLI, 2005.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

PINKER, S. *Learnability and cognition*. Cambridge: MIT Press, 1993.

CAMBRUSSI, M. F. Meaning aspects involved in the unergative causativization. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 107-114, 2011.

Abstract: This article presents meaning aspects connected with the semantic structure of the unergative verbs that take part in the causative-inchoative alternation. This study also supports that the causativization of unergative verbs in Portuguese tolerates external induction and is highly conditioned to the maintenance, in the causative form, of semantic relations established between the verb and its single argument in the inchoative form.

Keywords: causative alternation; unergative verbs; structural meaning.